

I CONGRESSO DOS ESCRITORES PORTUGUESES  
10/11 DE MAIO 1975



Comunicação de Natália Nunes  
Sócia nº 111

O ESCRITOR, DA DITADURA À REVOLUÇÃO

O período que vai dos anos trinta até à volta dos anos sessenta é, na ficção (e a esta somente me reporto neste momento), o tempo em que avulta em pujança a escola chamada neo-realista e, paralelamente, outra tendência ou escola, também, digamos, para usar ainda uma designação que não é agora altura de criticarmos - outra escola conhecida como de literatura psicologista, a que alguns chamam de "geração de 50".

Durante esse período, os escritores de carreira produzem regularmente, as "folhas literárias" dos jornais assumem importância, não só no meio literário, em sentido estrito, como entre o público geral leitor; os Críticos literários mantêm as suas "tribunas" e as suas opiniões (ou sentenças) são ansiosamente aguardadas pelos escritores e com a concomitante atenção pelos amadores de leitura e de literatura; anunciam-se com anterioridade as obras que os escritores trazem em gestão ou se encontram já sob os prelos; comunica-se a sua saída, ainda antes das críticas propriamente ditas; os retratos dos escritores aparecem com frequência nos jornais, promovem-se inquéritos, as entrevistas sucedem-se, existem dois ou três prémios literários.

Há, portanto, uma produção literária, acompanhada não só de reflexão sobre a mesma, como também de uma ressonância no público, não muito vasta, é certo, mas relativa à pequenez do nosso meio. Há o que poderemos chamar um clima literário, com seus inevitáveis "bas fonds" de capelinhas e candeias acesas, há emulações e vaidades, há campanhas monopolistas de publicidade, mas toda essa atmosfera, tantas vezes cheirosa a ranço, acaba por ser excitante e, por consequência, estimulante, tanto para o escritor como para o público em geral, mas pelo menos para esse público amante de letras e literatura. Na devida altura, falaremos do "público em geral", por agora estou apenas a historiar.

Anote-se como parêntese, que chegou a existir nesse período uma sobrevalorização da literatura de ficção e de poesia, em detrimento da atenção e divulgação que mereciam estudos e ensaios de eruditos e cientistas: por um lado pensava-se que, para fazer crítica literária bastava a intuição, ao passo que para criticar livros de ciência e de pesquisa forçoso seria ser-se cientista; por outro lado havia toda uma hiper-valorização da literatura enquanto superestrutura cultural, portanto, quase como arte de luxo e ornamental. O que ela nunca foi, tanto na corrente neo-realista como na psicologista. Adiante veremos.

Durante o precedente período ditatorial das Direitas chegou-se em alguns casos, a cair numa espécie de vedetismo literário e de mundanismo das letras, com "cocktails", recepções e homenagens, em que era difícil distinguir, quanto à participação pessoal dos escritores nessas assembleias, aquilo que representava mera confraternização "democrática" entre compatriotas e oficiais do mesmo ofício, embora de sinal contrário, e aquilo que representava interessado estabelecimento de posição - intencionalmente "ambígua" e salvaguardadora de egoísmos e de confortáveis posições alcançadas.

Esse foi, entretanto - como a vida é complexa! - o tempo em que, com o grande, mil vezes mil grande Aquilino, ainda vivo e produtivo, se fazem os nomes dos nossos mais conhecidos ficcionistas contemporâneos, das várias tendências, incluindo também entre estes os escritores politicamente considerados das "direitas".

Se é verdade - lamentavelmente verdade - que esse período não pôs em prática nenhuma grande plano de instrução e cultura populares e manteve, pelo contrário, o anacronismo analfabético que lhe vinha das empedernidas estruturas medievais e se chegando ou até, em determinada altura, a mandar fechar as escolas do magistério primário; se é verdade que se proibiu a entrada ou a referência a obras estrangeiras de informação social e política; e houve uma rigorosa, feroz censura à imprensa periódica, com cortes e sequestros, adiamentos e incompletudes; que foi cerceada e mutilada a comunicação directa através do espectáculo teatral; e alguns escritores chegaram a ver as suas obras apreendidas e guilhotinadas, ou foram, eles mesmos, em sua pessoa física, objecto de repressão e violência; e se, inclusivamente, a Sociedade Portuguesa dos Escritores foi extinta, por um acto de estúpida arbitrariedade - apesar de tudo isto é falsidade ou deturpação o dizer-se que esse mesmo período impossibilitou a realização total dos escritores impossibilitou-os, sim, de dizerem muito da verdade por claro e perseguiu e castigou aqueles que se mostravam mais ousados. Mas, se um período de repressão tem pernicioso influência na elevação da cultura popular de uma população, em geral, e na promoção de todos os cidadãos, jamais em qualquer lugar do mundo a tirania consegue sufocar totalmente as manifestações do talento criador.

Uma coisa é a não democratização da cultura, outra a sufocação de toda e qualquer actividade cultural ao nível das vocações por si próprias e mercê de condições particulares, entradas na via da cultura. Outra coisa a proibição de dizer a verdade em determinados domínios, e outra ainda o dirigismo e a imposição de directrizes à livre pesquisa psico-sociológica e imaginação inventiva dos escritores e dos artistas.

O período ditatorial das Direitas, que nos precedeu, proibiu ao escritor uma denúncia clara e ampla das misérias e injustiças sociais, porém, não chegou à coerção máxima de lhe apontar, dilimitar ou impôr os campos de exploração e de pesquisa.

Durante o período salazarista é a corrente neo-realista que formalmente, quase "oficialmente" digamos, toma a posição da contestação, através de uma ficção que pretende comunicar o

estado de alienação do povo português explorado pela rapina dos grandes capitalistas, dos grandes terratenentes e dos grandes monitores relegiosas, todos eles agindo como senhores feudais, ensimesmados na sua "condição histórica" - totalmente ignorantes e inconscientes dos processos vivos dialécticos que agitam a Humanidade.

O Ditador - homem de têmpera, mas de mentalidade arcaica e empedernida - encontra-se então na plenitude da vida biológica e do amparo que lhe presta a ignara camarilha medieval. Os ficcionistas do neo-realismo são jovens também, ainda na pureza dos ideais generosas de todas as juventudes e na pujança das suas capacidades criadoras.

Mas o tempo passa, a história caminha pelos séculos dos séculos, o Ditador começa a envelhecer enquanto a camarilha cresce e enraiza cancerosamente. Os jovens neo-realistas são agora homens maduros, muitos alcançaram, fama e conseguiram até alguns proventos, sempre modestos, aliás é o tempo do tal vedetismo literário, do culto da personalidade, em que uns se incham por a terem e outros rebentam por a não terem, o tempo dos penegíricos por assinatura, em alguns jornais, do elogio mútuo, da criação de uma mitologia de pequenos monstros sagrados da literatura à escala nacional, ou lisboeta "tout court", com o concomitante silenciar dos rivais na arte ou na política ou o pequeno favorzinho de uma notícia seca na secção do "vient de paraître".

E, paralelamente, o tempo em que o seu combativismo social esmorece, o seu talento definha e, como alguém disse: alguns desses antigos combatentes passam "a viver à sombra da auréola de mártir de alguma prisão, já longínqua..."

O neo-realismo, corrente literária nascida, crescida e fenece durante o tempo do Ditador, não foi a única tendência revelada e desenvolvida neste período. Da "Presença" vinha já essa outra, que viria a culminar na referida "geração de 50", a qual, bem vista, é contemporânea e paralela, a grande parte do neo-realismo. Corrente que se caracteriza, formalmente, por romances de tipo psicologista - existencialista, e onde avultam notóriamente as mulheres escritoras.

É curioso que a repressão da ditadura salazarista jamais se preocupou com esta tendência ou escola (a não ser quanto aos aspectos da moral sexual), confiada na sua "inofensividade" e no "não comprometimento" ideológico de alguns dos seus praticantes, "laissez-faire" para o que, aliás, concorriam os próprios neo-realistas, com as suas críticas e ataques, sem violência de maior, diga-se também, ao considerarem-na ultrapassada e inútil no ponto de vista da contestação e da reivindicação sociais, embora à medida que o tempo ia passando alguns daqueles que haviam conquistado fama e glória com o seu neo-realismo, autêntico ou "soi-disant", tivessem passado ultimamente a tentar "psicologizar" a sua literatura.

Bem, como sabem, todas estas classificações estão para revisão, numa história futura da nossa literatura, pois, para exemplificar, nem um Abelaira é neo-realista, como tentei já demonstrar, nem tão-pouco Irene Lisboa está isenta de psicologismo, memorialismo, saudosismo, egotismo, etc., como eu, se mo permitem, sou memorialista-psicologista-existencialista,

na minha "Autobiografia de uma mulher romântica", publicada em 1965...

Mas, como ia dizendo, os da ditadura direitista deixaram os "psicologistas" em relativo sossego e liberdade. É que, para eles, a denúncia das frustrações íntimas e pessoais dos indivíduos de todas as classes, ressonância subjectiva dos acontecimentos "objectivos" do "real" social - não significava contestação e revelação de uma das dimensões do todo humano!

Viam nesses escritores apenas representantes da arte pela arte e dos requintes auto-analíticos, e não se assustavam com a não-imediatidade das suas denúncias.

Esperemos que, para o futuro, a variedade de tendências e explorações no campo da Arte e da Literatura, complemento necessário para a compreensão da complexidade da vida, não venha a ser reprimida, nem pela estupidez nem pela esperteza de outras ditaduras.

No meio desta dialéctica da repressão e da contestação, e entre a evolução pessoal de um percurso biopsíquico individual, que comportava ou não uma revelação total de capacidades naturais, alguns, como sempre, ficaram à entrada da via literária, outros navegaram, atingiram o apogeu possível e começaram ou começam, dentro das leis do tempo, a declinar - tal como aconteceu ao Ditador.

Com a implatação da guerra de África é que se inicia, de facto, na nossa literatura contemporânea, um período de assinalável decadência: diminui a quantidade das obras publicadas, vários escritores começam a "repetir-se" ou entram em experiências serôdias a que não conseguem já imprimir calor (salvo uma ou duas excepções, a estudar); as livrarias regorgitam de obras sobre "marketing" e "management"; a predominância de dois ou três críticos literários veteranos, dentro os quais, alguns desistem, segue-se a fúngica proliferação dos novatos aspirantes a "críticos"; surgem tentativas de destruição da discursividade e da lógica, com a produção de uma literatura abstrusa, hermética e solipsista, só para iniciados, em alguns casos praticada por escritores comunistas, oh! paradoxo!; os suplementos literários dos jornais perdem o anterior carácter "sério" e adoptam fachadas de um polemismo anarquizante e destrutivo: os críticos literários, os historiadores e sociólogos terão algo de muito significativo a colher na prosa surrealista e anti-culturalista, e na ilustração cabalística, terrificante e grotesca, que me lembro de ver, por exemplo, no "Diário de Lisboa" e na "Capital" de tempo da "abertura" Caetanista: através dessa ilustração mitológica e de uma fraseologia satírica e chocarreira se escapavam já os primeiros "demónios" atabafados no interior das almas e dos corpos durante os últimos quarenta e tal anos. Aí se anunciou, ainda que alegoricamente, a primeira fase da grande catarse social que iria explodir com o 25 de Abril.

A guerra de África parece eternizar-se, o capitalismo financeiro e monopolista atinge um autêntico paroxismo auto-destrutivo: acumula analmente riqueza sem a fertilizar, lança-se no ciclo vicioso e essandecido da demolição predial para uma construção alucinante, tendente só à especulação, enquanto distribui pelo protelariado, pelos técnicos de modestos

graus, pelas massas sem instrução nem formação, as migalhas da sua rica mesa, o que os lança na ilusão da falsa abundância e da falsa prosperidade, no emburguesamento progressivo.

Entretanto, bombas rebentam aqui e além, nos barcos que partem carregados de jovens que vão ficar mutilados ou morrer, para sustentar os viciosos, os atrasados mentais do entesouramento dos oiros "fecais". A rebelião juvenil alastra na Universidade, as ruas oferecem cada vez mais o doloroso espectáculo dos mutilados de guerra, a emigração não se estanca, a inflação inicia a sua escalada incontrelável e, por entre as malhas e os nós dolorosos de toda esta rede quase fabulosa, a polícia política é morbo virulento, que envenena, corrói e dá a morte às células que restam vivas no corpo de Portugal.

A nossa Pátria estava à beira da morte ou da revolução.

E agora?

Perante a urgência e a acuidade dos problemas do ressurgimento económico e da reestruturação social, em pleno processo revolucionário a vida literária e artística passou a segundo plano, tanto no domínio da produção como no da comunicação. Mas não se pode, neste momento, falar de decadência, antes de retracção.

Muitos escritores estão calados ou inactivos. Porquê?

Independentemente daqueles que se calaram por não quererem ou não poderem de qualquer modo imiscuir-se na Revolução, acontece que o estado de uma Revolução em acto não é o mais propício à criação artística em sentido lato.

Toda ficção parte do real, mas é na memória da sensibilidade e do entendimento que os escritores e os artistas plásticos vêem mais nítido e interpretam. Como disse o crítico de arte Jean Galard, os artistas procedem realizando "a imaginação metódica da situação", depois da revolução. Porque a nossa intervenção é de vigilância e denúncia permanente, é conspiradora e provocadora de revelações, a nossa pedagogia é de pesquisa e sugestão, às vezes insinua propostas mas não dá soluções. É quando há um relativo sossego, ou uma sua aparência, que nos inquietamos mais. De momento, aqueles de nós que pretendam intervir na Revolução, só o poderão fazer pela crítica imediata e pela polémica - se lho consentirem.

Todos nos encontramos altamente perturbados, quiçá desorientados ou em busca de caminhos. Mas, repito, não é em estado de perturbação decorrente, que um escritor pode produzir, só em perturbação recorrente tal lhe é psicologicamente possível, precisamente por ser agente de memorização e de registo. Nestes momentos pouco mais podemos que tomar apontamentos, na memória ou no papel, ou comunicar algo do que "in illo tempore" escrevemos e tenha significado exemplar ou premonitório na revolução que se processa. Por agora o espírito dos demiurgos voga à tona das águas tumultuosas da História...

NATÁLIA NUNES

